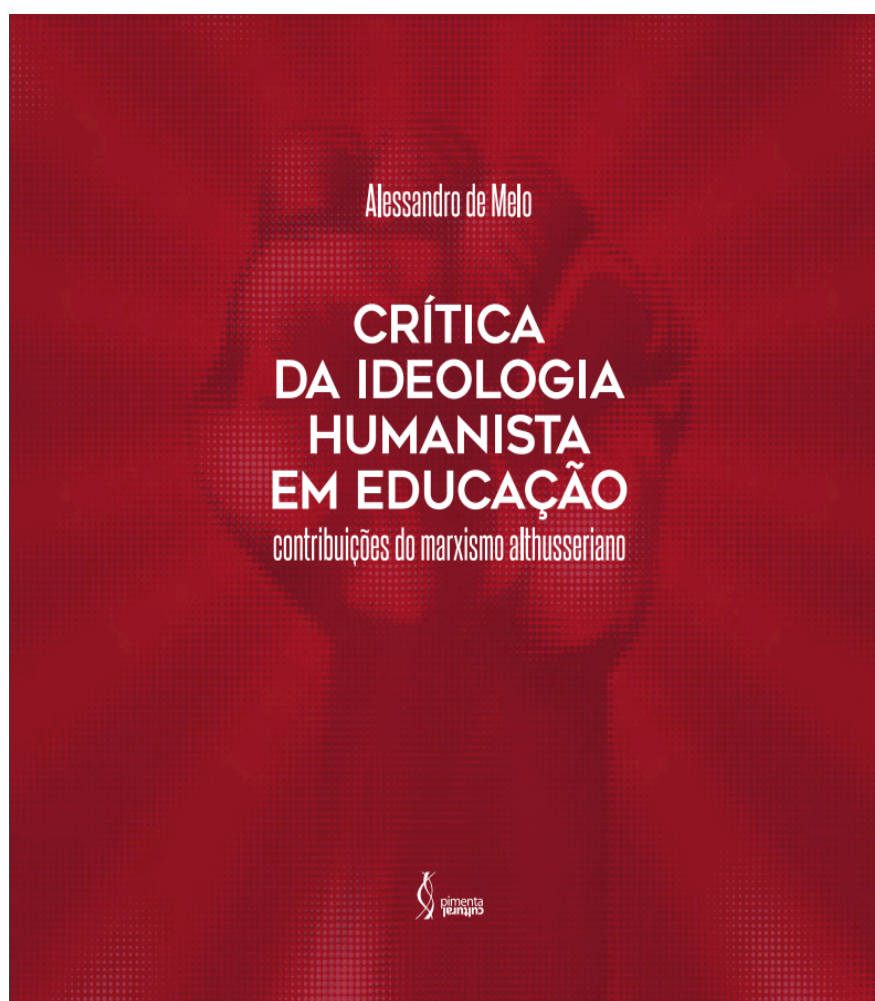


CRÍTICA DA IDEOLOGIA HUMANISTA EM EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO MARXISMO ALTHUSSERIANO

[Alessandro de Melo]¹

Lucas Barbosa Pelissari²



¹Resenha recebida em 25/10/2024. Aprovado pelos editores em 28/02/2025. Publicado em 09/04/2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i50.65136>.

²Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Brasil. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo - Brasil. E-mail: lucasbp@unicamp.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8723394397607851>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3659-5424>.

A resistência ao marxismo althusseriano é uma marca do debate educacional brasileiro. Seja reproduzindo os próprios preconceitos presentes, de maneira geral, nas Ciências Sociais, seja por influência de teorias pedagógicas que se conformaram no Brasil a partir da crítica superficial àquele que seria o único texto de Louis Althusser sobre educação – *Aparelhos Ideológicos de Estado*, escrito em 1969 –, fato é que a obra do filósofo franco-argelino é pouco respeitada pela pedagogia brasileira. O livro de Alessandro de Melo, *Crítica da ideologia humanista em educação: contribuições do marxismo althusseriano*, cumpre o importante papel de qualificar esse debate, evidenciando, ao mesmo tempo, as lacunas de algumas críticas e a potência política do projeto althusseriano na leitura rigorosa da escola capitalista.

Para isso, o livro tem a qualidade de apresentar uma das principais teses desenvolvidas por Louis Althusser – a existência de um corte epistemológico na obra de Marx – e, a partir dela, discutir a crítica ao humanismo teórico e seus desdobramentos para a análise da escola e da educação. O texto é, além disso, alicerçado em conceitos fundantes da escola althusseriana, como, por exemplo, sobre-determinação, interpelação, ideologia e formação social. Ironicamente, nenhum desses conceitos é objeto de análise detida ou mesmo de contraste, ainda que superficial, pelos pedagogos anti-althusserianos. Esse fato é evidenciado por Melo no fim do capítulo 2 do texto, resultado de um caminho que se inicia com a exposição da tese do corte epistemológico (capítulo 1) e passa pelas relações entre o campo da educação e o humanismo teórico (primeira parte do capítulo 2). O livro é concluído com apontamentos sobre projeto de educação revolucionária (capítulo 3).

Não tenho reparos ao capítulo 1 do livro, intitulado *Crítica do Humanismo na Perspectiva Althusseriana*. Trata-se de uma excelente exposição sobre o humanismo teórico, tema que ocupou boa parte da produção de Louis Althusser nos anos 1960, sintetizada no livro *Pour Marx*. De início, traz uma completa nota biográfica de Althusser, seguida da discussão sobre o significado dos Manuscritos de 1844 de Karl Marx. Com efeito, a problemática que aprisiona os conceitos contidos nos manuscritos tem base teórica idealista, que alicerça o pensamento de Marx nas noções de ser genérico – essência humana –, alienação e emancipação. Essa é a posição de Althusser a propósito do texto, que estaria sendo mobilizado, à época, como justificativa para guinadas ao reformismo de organizações comunistas

mundo afora e originando interpretações do marxismo como uma teoria humanista ou uma ontologia.

A relação de Marx com Feuerbach enriquece o relato de Alessandro de Melo sobre a leitura crítica de Althusser, visto que embasa a exposição da tese do corte epistemológico. Segundo ela, o autor alemão muda de problemática e, conseqüentemente, de base teórica, ao fundar uma nova ciência, o Materialismo Histórico. Exposta nos textos de maturidade de Marx e Engels, escritos a partir de 1846, essa teoria científica centra sua preocupação na História e não mais no Ser Humano, o que permite ao marxismo produzir uma série de novos conceitos: revolução (no lugar de emancipação), exploração (no lugar de alienação), luta de classes, trabalho assalariado, modo de produção, para citar apenas alguns. Em síntese, para Althusser, Marx abandona a problemática humanista de seus textos de juventude e, com ela, suas categorias ideológicas correspondentes.

Tal é a motivação da polêmica aberta por Althusser no Partido Comunista Francês (PCF), muito bem analisada por Alessandro de Melo na última parte do capítulo 1. A batalha contra o humanismo teórico foi assumida por Althusser como um projeto científico amplo, não restrito ao âmbito acadêmico: “A questão do humanismo, imbricada com a da ruptura na obra de Marx, não é apenas uma questão teórica, mas se refere aos destinos dos movimentos operários, partidos políticos e sindicatos de esquerda” (Melo, 2022, p. 73). O livro que temos em mãos examina intervenções decisivas de Althusser nesse debate, por meio de duas cartas e uma manifestação na imprensa, o que nos dá boa ideia do desenvolvimento da luta no interior do movimento comunista à época.

O conteúdo que discutimos até aqui é, no capítulo 2 (*Educação e humanismo*), ponto de partida para uma leitura do debate educacional. O capítulo inicia com uma discussão sobre o conceito althusseriano de interpelação, central para a construção teórica sobre a ideologia em Louis Althusser, passa por uma leitura autoral do projeto moderno de escolarização e, a seguir, retoma a crítica ao humanismo para examinar a análise de Althusser sobre o aparelho escolar. Este movimento permite, ao fim, revelar os fundamentos das críticas traduzidas no rótulo “crítico-reprodutivismo”.

Um dos eixos dessa parte do livro é a pergunta “Qual o papel da escola e da escolarização no bojo do projeto de modernidade?”. O autor localiza a escola

capitalista no contexto das revoluções burguesas, discutindo sua funcionalidade não só no aspecto técnico da reprodução da força de trabalho, mas também e principalmente na formação moral. É isso que lhe permite expor o conceito de Estado capitalista na tradição althusseriana, usando como fio condutor um expoente dessa corrente, o intelectual grego Nicos Poulantzas.

Há, no entanto, que se fazer um alerta. Refere-se ao fato de que o ideal liberal de escola única, com educação de base pública e universal, nunca existiu. A desigualdade crônica entre sistemas de ensino, na verdade, reproduziu a fragmentação necessária à sobrevivência do próprio modo de produção capitalista: de um lado, trabalho manual e trajetórias curtas de escolarização; de outro, trabalho intelectual e formação científica ampla visando à direção política da sociedade. Os próprios conflitos entre as classes sociais deram forma à dualidade como um conteúdo fundamental da escola capitalista. É certo, assim, que, como aparelho ideológico do Estado (AIE), a escola garante “não só a qualificação para os diferentes postos de trabalho, bem como a reprodução das novas gerações para submissão às regras do modo de produção capitalista” (Melo, 2022, p. 143).

No entanto, outros textos de Althusser sobre a escola, anteriores e posteriores ao célebre artigo em que discute os AIE, buscam compreender como essa reprodução efetivamente acontece. Em um projeto coletivo incompleto do grupo althusseriano intitulado *Écoles*, com textos datados de 1968 e 1969, o conhecimento é assumido como ferramenta central para a garantia dessa reprodução. O mesmo fundamento metódico usado por Marx para estudar o fetiche da mercadoria é aplicado à análise althusseriana da produção e reprodução do conhecimento e ao exame da ideologia da escola única. Eis um caminho que pode enriquecer a agenda de pesquisa aberta por Alessandro de Melo.

As considerações finais do livro não trazem simplesmente uma síntese das principais ideias dos capítulos anteriores. O autor ousa também formular uma proposta de princípios para uma educação revolucionária fundamentados em três elementos: a relação entre educação e prática política, a relação entre educação e produção e a superação da forma escolar burguesa.

O primeiro elemento nos ajuda a situar a escola nas diferenças de natureza entre as práticas das diversas classes que se colocam em luta em uma totalidade social. Com isso, previne contra a armadilha de assumir a reprodução das relações

dominantes como negação da contradição. O segundo elemento aprofunda a discussão sobre a hierarquização social estimulada pela escola capitalista. E, por fim, o terceiro elemento reflete sobre a tomada do poder como condição estratégica do processo revolucionário e como ponto de partida de um projeto educacional que supere os vícios ideológicos contidos nas pedagogias da emancipação.

Em essência, o livro de Alessandro de Melo desmascara o que o grupo althusseriano denunciou como a “miragem da escola” ou a “ficção da escola”: essa própria instituição aparece aos olhos da sociedade como instrumento neutro, capaz de emancipar todos os cidadãos. Eis a natureza ideológica e, por isso mesmo (em termos althusserianos), material da escola capitalista.

Referências

Melo, A. de. **Crítica da ideologia humanista em educação**: contribuições do marxismo althusseriano. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/eBook_Critica-humanista.pdf.